

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – LITORAL
IVONE RODRIGUES MACENA BAROSS**

A QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

A HISTÓRIA QUE ME CONSTITUI: TRAJETÓRIA DE VIDA E EDUCAÇÃO

**MATINHOS
OUTUBRO/ 2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – LITORAL
IVONE RODRIGUES MACENA BAROSS

**A HISTÓRIA QUE ME CONSTITUI:
TRAJETÓRIA DE VIDA E EDUCAÇÃO**

Narrativa da história de vida apresentada ao programa de pós graduação da UFPR – Universidade Federal do Paraná – Litoral como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar.

Professor orientador: Dr Valdo José Cavallet

MATINHOS
OUTUBRO/ 2017

PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Prof Dr Valdo José Cavallet, realizaram em 25 de outubro de 2017 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Ivone Rodrigues Macena Barossi sob o título “A HISTÓRIA QUE ME CONSTITUI: TRAJETÓRIA DE VIDA E EDUCAÇÃO”, sendo requisito parcial para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito “APh”.

Matinhos, 25 de outubro de 2017



Valdo José Cavallet



Valentim da Silva



Mirian Cristina Lopes



Ivone Rodrigues Macena Barossi

Conceitos de aprovação
APL – Aprendizagem Plena
AS – Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI – Aprendizagem Insuficiente

OBSERVAÇÃO:

Caso o (a) Estudante seja orientado(a) a reformular seu trabalho, deve-se registrar no verso os requisitos apontados pela Banca para o aceite final do trabalho.

*Dedico este trabalho à minha mãe:
Tereza Rodrigues Macena, a mulher mais incrível que conheci!
pois com seu amor, simplicidade e a inocência,
com a qual levava a vida, me fez não desistir de viver;
O meu amor por ti, ultrapassa as barreiras do espaço e do tempo!
Eternamente, te amo!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, principalmente, ao Meu mediador Valdo José Cavallet, pelas longas conversas, onde me ensinou como é ser terráquea e como pensam os eNeGenCianos. Me encaminhou para que esse trabalho se concretizasse, possibilitando que uma amizade fundamentada no amor e respeito esteja a caminho. Obs (eNeGenCiano porque o Valdo é um ser extra-Galáctico).

A arte de viver

*Poderemos assumir a angústia da incompletude de
nossas vidas e da incerteza do destino humano?*

Poderemos aceitar ser abandonados pelos deuses?

Poderemos abandoná-los?

*Saberemos suficientemente que só a vivência do
amor e da poesia é capaz de afrouxar a angústia e a mortalidade?*

*Poderemos inibir a megalomania humana e
regenerar o humanismo?*

*Poderemos fortificar as mais preciosas, as mais
frágeis manifestações, que são o amor e a
amizade?*

*Poderemos recalcar os monstros que nos habitam,
pela virtude do amor e da fraternidade?*

*Poderemos praticar a reforma interior que nos
tornaria melhores?*

Edgar Morin, L'identité humaine

A HISTÓRIA QUE ME CONSTITUI: trajetória de vida e educação

Ivone Rodrigues Macena Barossi

Valdo Jose Cavallet (Orientador)



A caráter ilustrativo e também de reflexão, deixo aqui para iniciar esta conversa, a obra “O divisor”

(1968), -Pano de algodão, fendas, da artista Lygia Pape, Lygia utiliza muito a exploração sensorial em obras que convidam o público a participar. Imagem Disponível em: <http://www.lygiapape.org.br/pt/lygia.php>

RESUMO - O trabalho que se segue, deriva da análise de uma trajetória de vida: a minha. Mulher, educadora, pesquisadora. Tal análise foi feita com a junção de experiências pessoais à referências teóricas, com o intuito de que uma agregasse sentido à outra. Como objetivo, pode-se destacar o de pensar trajetórias de vida como objetos de reflexão e de estudo, que colaboram para a compreensão do mundo de forma individual e coletiva. Sendo que, cada um somente pode ser compreendido na medida em que o contexto – histórico, social e econômico – também o for. Passando pelos seguintes aspectos: família, escolhas, estudo, profissão, os quais serão descritos a partir de memórias pessoais. Memórias estas que, entram em diálogo com Textos de educadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos, estudantes, para então construir uma compreensão mais sólida acerca da história que me constitui.

PALAVRAS- CHAVE: Docencia. Educação. História. Trajetória.

ABSTRACT: The following work derives from the analysis of a life trajectory: mine. Woman, educator, researcher. This analysis was made with the joining of personal experiences to the theoretical references, with the intention that one would add meaning to the other. As an objective, one can highlight the idea of thinking about life trajectories as objects of reflection and study, which collaborate to understand the world individually and collectively. Since each can only be understood insofar as the context - historical, social and economic - is also the same. Going through the following aspects: family, choices, study, profession, which will be described from personal memories. These memories come into dialogue with Texts of educators, anthropologists, sociologists, psychologists, students, and then build a more solid understanding of the history that constitutes me.

KEY-WORDS: Education. History. Teaching. Trajectory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DO CONTEXTO E DA FAMÍLIA	10
2.1 Mãe e Pai	10
2.2 A(S) Escola(S)	17
3. DA PROFISSÃO	24
3.1 Decidir ou desistir?	24
3.2 A Cada Marca Uma Descoberta...	28
3.3 Trajetória Como Professora	29
3.4 Realização Profissional	32
4. CONCLUSÃO	37
REFERENCIAS:	38
ANEXOS	39

1. INTRODUÇÃO

Deparei-me com a proposta de escrever sobre mim, quando me dei conta, havia aceitado, Me vi frente a uma situação que trouxe curiosidade e, ao mesmo tempo, receio: encarar minhas verdades e experiências, colocando-as como um objeto de reflexão, tanto a mim mesma, quanto para àquele que está lendo neste momento.

Estava diante de um dilema: omitir fatos que não interessariam a ninguém, ou ir até o fundo, transcrevendo o que minha mente trazia à tona. Caso optasse pela omissão, soaria superficial, não me reconheceria em meu próprio texto, entretanto, ficaria livre de interrogatórios. Confesso que houve algum arrependimento. Pensei em procurar meu orientador e recusar, sugerir outra ideia, mas não o fiz.

Costumo receber outras histórias como o melhor presente que alguém pode compartilhar. É tão precioso e intocável, que eu não tenho o direito sequer de repetir para outra pessoa. Assim, guardo grandes tesouros no meu coração. Espero que perceba este texto como um presente que eu escolhi partilhar: Simplesmente aceite, pois, minha narrativa “[...] não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica.” (BUENO 2002 p. 20).

[...]a biografia é uma micro-relação social. Aquele que narra sua história de vida sempre narra para alguém. Ou seja, no processo de elaboração de sua narrativa há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja com um interlocutor imaginário” (BUENO 2002 pg 20)

É válido trazer para o texto a noção de que a forma como narramos, organizamos a nossa própria história é, como quer Huberman (1992, p. 58),“(...) em grande parte, “mais uma reinterpretação do que um relato”, Onde, a intensidade e a ordem que os pensamentos são descritos e organizados trazem muito sobre como (re)interpretamos a nossa própria história. Se tratando de autobiografia, torna-se importante também, logo de início, reconhecer que “cada descrição é, por definição, relativa ao momento e às condições específicas em que teve lugar”, como em Huberman (1992, p 57), o qual destaca como um aspecto importante, a análise da trajetória de professores não de maneira isolada, mas sim entendendo o contexto histórico e social no qual tal trajetória está inserida. Entendendo que,

[...] escolas são pessoas, comunidades feitas de pessoas, que aprendem umas com as outras. E que o desenvolvimento dessas comunidades depende da diversidade de experiências das pessoas que as integram, bem como requer que todos os membros que as constituem se envolvam num esforço de participação, da produção conjunta de conhecimento, vizinho a vizinho, numa fraternidade aprendente. (PACHECO, 2014 p. 34).

Almejo que entenda minha história como algo que me constitui enquanto pessoa e, em grande medida, também como a narrativa de uma profissional que não se acomoda com os desafios encontrados no âmbito da educação, pois, conforme veio a calhar a citação acima: “escola são pessoas”, e pessoas tem histórias. Gostaria de antecipar, desde já, que estou usando este texto também como uma forma de aprendizado, afinal “[...]o espaço de aprender é todo o espaço”. (PACHECO, 2014 p. 59).

2. DO CONTEXTO E DA FAMÍLIA

2.1 Mãe e Pai

Tudo o que minha memória traz, antes de estar em Curitiba, são apenas fragmentos contados por minha mãe, às vezes me pergunto se vivi as minhas lembranças ou são somente projeções de histórias que ouvi?

Minha mãe nasceu em uma cidade chamada Capelinha, na região norte das Minas Gerais, quase divisa com a Bahia. Uma das pessoas mais incríveis que conheci na vida. De uma simplicidade invejável, sem estudo, pois não teve oportunidade de frequentar uma escola, com uma infância extremamente pobre. A região assolada pela seca, as romarias para chover, bem como as festas católicas fizeram parte do seu cotidiano. Contou-me que uma vez um rapaz disse que não namoraria com ela, pois não *namorava moça que andava descalça*. Por vezes, comia farofa de formiga para matar a fome. “Eu era pobre, mas era feliz!”, ela dizia.

Meu pai, era mineiro de Água Boa, pelo que fiquei sabendo e pelas histórias ouvidas, era *turrão* desde criança. Chegou a sentar em braseiro para fazer pirraça para minha vó, nunca admitia que estava errado. Saiu de casa aos doze anos para não ser *mais uma boca para comer*, já que tinha onze irmãos.

Por sorte ou azar do destino, se é que existe destino, meus pais se encontraram no Norte do Paraná, em Corumbataí, onde se casaram. Minha mãe afirmava que casou com o homem que amava, contrariando a vontade da sua

família, que via ele como um homem rude e, provavelmente um mau esposo, relatou que seu pai depois de morto apareceu para ela pedindo para não se casar. Teve uma vida pobre e humilde, engravidou sete vezes, sendo que quatro das gravidezes foram até o final.

Sou a filha caçula viva. O verdadeiro caçula morreu ainda bebê. Na ordem de nascimento temos meu irmão Cezarino, minha irmã Claudette, eu – Ivone – e meu irmão já falecido Donizete. A morte desse irmão foi um período difícil para meus pais, pois a gravidez da minha mãe foi complicada, sem dinheiro, procurou um médico quando estava quase morrendo, com ele fez uma cirurgia cesariana e uma laqueadura, com recuperação complicada. Quem cuidou do Donizete foi uma vizinha muito prestativa, a qual desenvolveu afeição por ele e sugeriu adotá-lo, mas minha mãe recusou, dizia que preferia morar embaixo da ponte, mas com seus filhos do que desfazer de algum deles. Mais tarde ele veio a adoecer, como não havia dinheiro para médico, foi levado até a farmácia, onde foi medicamentado, mas logo faleceu. Quando minha mãe contava essa história com a voz embargada, percebi que ela se culpava pela morte dele, ela afirmava que se soubesse, que ele iria morrer teria deixado ele com a vizinha para que ele fosse melhor cuidado.

Meus pais souberam que estavam “dando terras” pelo INCRA na região norte do Brasil, precisamente em Rondônia, decidiram então tentar a vida nessa região, por essa época, eu já existia na barriga da mãe. Foram com um caminhão, conhecido como *pau de arara*. Sofrendo como ela sempre sofria nas suas gravidezes, inchada, contava que foi a solidariedade dos homens daquele caminhão que a ajudaram a chegar. Quando se estabeleceram em Rondônia, meu pai ficou doente, com suspeita de malária ou febre aftosa. Seu grau de debilidade o fez ter medo de morrer, então resolveu voltar para o Paraná. Minha mãe já estava no final da gestação, fazendo com que o Mato Grosso do Sul fosse o ponto de parada para ela dar luz a mim. Lá ficaram por quatro meses, nesse período ela engravidou de meu irmão, Donizete.

Tudo o que meu pai conseguia adquirir a custo de muito trabalho, ia para gastos com a minha mãe que estava muito doente, adquiriu grande quantidade de terras, porém foi expulso por *jagunços* de posseiros de terras. Diante de tantas dificuldades mais uma vez resolveram tentar a vida em outro lugar, agora em Curitiba.

As mais antigas lembranças que carrego comigo vem a partir desse período, como já mencionado, o que escrevi antes são fragmentos de uma memória, das narrativas dos meus pais e também de pessoas próximas, e o que acredito ter acontecido. Às vezes vem *flashes*, como se eu tivesse vendo meu irmão, minha mãe delirando na cama, a roça de meu pai, o sofrimento de todos pela morte de um cachorro que acabou livrando meu irmão de ter sido picado por uma cobra, isso gera um turbilhão de lembranças confusas.

Eu adorava ouvir meus pais narrando suas histórias. Aquilo soava como mágica. Sempre ficava por perto escondida, enquanto conversavam com outros adultos, a invisibilidade era o melhor caminho, pois senão as surras vinham, sem dó nem piedade.

As histórias me traziam um encantamento tal que eu ficava maravilhada. Sou sonhadora demais, poucos são os momentos da minha infância em que não estava sonhando. Parece que a realidade não faz parte do universo infantil. Penso em quantos mundos paralelos vivi. Dentro da mesma Ivone existem milhares de possibilidades. Sempre era a heroína que salvava pessoas, atendia crianças necessitadas, construía lares para os desabrigados. Era a pessoa que nunca mais iria deixar faltar nada em casa, pois mesmo meu pai trabalhando muito, os ganhos eram menores que os gastos.

Chegando a Curitiba, fomos morar em uma favela, às margens do Rio Verde na Estrada da Ribeira, próximo a Colombo. Era um rancho de madeira com frestas enormes dando para enxergar o que se passava lá fora. O Chão era de terra batida. Peça única, sem banheiro, sem água, fogão à lenha construído pelo pai, camas feitas com restos de madeira e colchões enchidos com palhas confeccionados pela mãe. Banho? Só de bacia, isso quando tinha água, por muitas vezes tomei banho de roupa, pois era fora de casa e morria de vergonha. As roupas eram confeccionadas à mão, por minha mãe, viviam sendo remendadas. A janela era de tramela, que se transformava num giralzinho quando abria, o qual era usado para lavar as roupas e louças.

Adorava pular a janela quando meus pais não estavam em casa. A pobreza não me assustava: era a única realidade que conhecia. A dimensão infantil não permitia a compreensão dos fatores sociais que me privaram até das necessidades básicas do ser humano, como alimentação, saúde, higiene. Não tínhamos sequer água para tomar, dependíamos do auxílio dos vizinhos. Nesses lugares aprendemos

a conhecer cedo a solidariedade dos mais pobres, mas também a mesquinhez que há no ser humano, a vida era intensa!

Que sufoco ver minha mãe pedindo água. As roupas eram lavadas no rio com correnteza forte, nem sempre suas águas estavam claras, era um rio com margens largas, ficava sempre apreensiva pela vida de minha mãe. Imagens da minha mãe com a lata d'água na cabeça, ou lenha nos ombros eram bastante comuns, os afazeres eram intermináveis. Lembro-me de ela ter se envolvido em uma briga de mulheres, e lá foi ela com facão em punho enfrentar mais um desafio.

Meu pai sempre estava fora, ora trabalhando ora a procura de emprego. O medo se estabelecia em casa quando estava próxima a hora de sua chegada. Eu entrava em pânico porque meu pai espancava a todos, inclusive minha mãe, que era considerada por ele um *ser não pensante*, sem autonomia alguma. Era tratada como criança, e nós crianças, éramos cobradas como adultas. Sem entender a lógica do pensamento dele, minha mãe escondia as facas, com medo de que ele fizesse alguma besteira conosco. As ameaças sempre estiveram presentes. As marcas dessa violência ficaram em meu corpo e em minha mente, uma zona de esclerose na caixa craniana em mim, é fruto dessa violência, e o psicológico é o que me constitui hoje. Eu não tinha a noção de que isso era errado, pois quem praticava a violência era uma das pessoas que eu mais amava, como ele poderia estar errado?¹

Nossas necessidades fisiológicas eram feitas no mato. Em uma dessas idas e vindas, aconteceu algo que, naquele momento escapava de minha compreensão: Uns garotos das redondezas me violentaram sexualmente, não sei ao certo quantas vezes. Meu irmão estava junto. Como não sabia o que era sexo, e muito menos estupro, entendi aquilo como mais uma violência que tinha que suportar ou tratar de fugir. Hoje entendo que o que eu sentia era pânico, mas não de um medo irreal criado pela imaginação, pois meus pesadelos eram bem reais e eu não sabia como escapar. Passei a ter medo de tudo à minha volta, procurando por fuga para um mundo imaginário onde eu pudesse ficar livre de tudo isso. Esta violência que eu sofri, hoje é entendida por alguns estudiosos como um problema relacionado, principalmente às desigualdades de gênero, onde há, em grande medida uma relação de poder entre mais velhos X mais novos ou do gênero masculino sobre o

¹ Hoje sei que este mesmo pensamento está presente em outras relações, em outras casas. Contribuindo para que relações abusivas, sejam elas de quaisquer origem, continuem existindo.

feminino. Assim como cita Lowenkron (2010, p 16) pode se dar “[...] por força, promessas, ameaça, coação, manipulação emocional, enganos, pressão etc.”

Em relação à crenças, minha mãe era católica de início, ia à missa, um local onde eu tinha que ficar em silêncio .Posteriormente, sobre a influência da minha madrinha, fomos para uma igreja pentecostal, chamada *Deus é Amor*, onde o discurso incentivava a cortar tudo o que nos faz ter contato com o mundo, colocando o medo como motivação para aprender, ao menos foi assim que pude perceber. Aprendi a ter medo tremendo de todas as religiões de matrizes africanas, espiritismo e igreja católica, pois todas eram do “Diabo”. Deus se manifestava ali, expulsando demônios, as pessoas se jogavam no chão, gritando e assumindo que o demônio estava em seus corpos. Para uma criança de quatro anos, participar disso era apavorante. De tanto medo, adoeci, fui internada no hospital Instituto de Medicina em Curitiba. Sozinha e com enfermeiras cruéis, chorava dia e noite. Minha mãe não conseguia me visitar todos os dias, o medo do abandono quase me matou. Lembro que as enfermeiras não tiveram nenhum respeito, raspam meu cabelo (provavelmente estava com piolhos), meu banho era com água quente demais, talvez elas ficassem com raiva de mim pelo fato de eu chorar bastante. O dia em que recebi alta, nasci de novo.

Raras eram as vezes que meu pai me pagava no colo, mas era o meu lugar favorito, como se eu tivesse no topo do mundo e conseguisse ver tudo: perto da minha pequenez, meu pai era gigante. Apesar dos espancamentos, era a pessoa que deveria me proteger, que poderia dizer que no final tudo daria certo. Mas isso não aconteceu, pelo contrário, afirmava sempre que eu e meus irmãos nunca venceríamos na vida. Ele tinha o dom de encantar as pessoas, percebia que assim como eu, muitas pessoas ficavam hipnotizadas pelas suas histórias, quem o visse conversando, jamais imaginaria que por trás daquele homem sério existia um ser humano frustrado que descarregava suas mazelas em cima das pessoas que mais o amavam.

Quando minha avó por parte de mãe nos visitou, uma senhora adorável, com seu lenço branco na cabeça, pele enrugada. Como era gostoso estar ao seu lado, sua boca sem dentes me encantava, grudava nela como um carrapato, mexendo nas suas pregas na pele já folgada das mãos, era fascinante observar os movimentos de seu pescoço, sua estrutura franzina, e ao mesmo tempo forte. E quando ela comprava doces para nós, motivo de festa.

Quando vinha a tempestade, o vento levantava a poeira do terreiro, pequenos redemoinhos se formavam com as folhas e eu ficava imaginando o que aconteceria se eu conseguisse entrar em um (e voltava a sonhar, como gostava de fazer). Adorava tomar banho de chuva, brincar na terra, fazer bolinhos de barro, bonecas de barro. Brinquedos comprados? nem pensar, no máximo os que encontrávamos jogados, danificados, mas servia para alimentar nosso imaginário.

Moramos quase um ano nessa favela, depois precisaram de alguém para cuidar da firma onde meu pai trabalhava e ele aceitou. O lugar era em pleno bairro do Batel, considerado nobre em Curitiba. Meu irmão já estudava nessa época, e minha irmã, ia começar naquele ano, foi assim que a palavra escola começou a fazer parte do meu vocabulário.

- O que? Escola é lugar para aprender a ler e escrever? Eu quero!

- Mas não pode, menina! Você tem apenas 5 anos!

Ver meus irmãos irem para a escola me deixou ansiosa, sonhava (sim! Novamente sonhando) com o dia de colocar o uniforme, fazer amigos, de aprender. Quando minha irmã lia gibi, sentava ao seu lado e pedia para ler para mim. É lógico que a deixava profundamente irritada, mas ela sempre cedia. O pai trabalhava de pedreiro onde morávamos, assim ficou mais fácil para ele *vigiar e punir*. Minha mãe saiu pela vizinhança oferecendo seus serviços de doméstica e meu irmão com onze anos trabalhou em uma panificadora, tendo que levantar às quatro da manhã para dar conta de seu serviço. O legal disso, é que o que a panificadora não conseguia vender ele podia levar para casa. As patroas da minha mãe davam muitas roupas para ela, assim ela refazia e nós vestíamos. O que não servia doava para pessoas carentes ou enviava para seus parentes que precisavam, no Norte do Paraná.

Meus irmãos estudavam de manhã, sendo os responsáveis pela compra do leite e do pão, mas minha irmã gastava o dinheiro com outras coisas, então eu ficava a manhã toda sem comer. Ficamos em uma casa de madeira com um anexo para o fogão à lenha. Já tínhamos camas. Eu dormia com minha irmã, às vezes dormia no meio dos meus pais, acabava passando frio e acabava fazendo xixi na cama, levando mais broncas e surras. Lembro que tinha tanto medo do meu pai que muitas vezes perdi a fala! Volta e meia ele me perguntava as coisas e a voz simplesmente não saía. Durante o dia nessa fase, assumia algumas tarefas da casa, porém sobrava tempo para brincar. Como no quintal havia muitos espaços para serem explorados, subia em árvores, procurava tesouros perdidos. Nessas procuras,

encontrava revistas pornôis que os peões deixavam jogadas. Lembro que achava tudo muito estranho e nem me passava pela cabeça que aquilo teria alguma relação com conceber filhos, e muito menos prazer. Perguntava para minha mãe de onde vinham os bebês e ela respondia que era das *cegonhas*. Acreditava nisso, como também em papai noel e coelhinho da páscoa.

Quando minha mãe ficava menstruada, tentava esconder o fato, porém como usava pedaços de pano para conter o fluxo, eu via os panos sujos de sangue e pensava que ela estava com alguma doença grave e que poderia morrer a qualquer momento, isso me consumia por dentro. Não suportava a ideia de ficar sem ela, assim eu acabava sendo grudenta, entrava debaixo da sua saia, grudava ela pelos braços, a beijava o tempo todo, exigia que ela sentasse um pouco só para me dar colo, ela me empurrava e dizia: Sai para lá menina! Penteava seus cabelos, escolhia suas roupas. Quando estava lavando roupas, vivia a assobiar, ou cantarolava músicas com palavras todas erradas, mas como era bom ouvi-la cantar, era sinal que estava feliz. Infelizmente o choro era uma constante na sua vida, suas lágrimas silenciosas, queria tanto aliviar seu sofrimento, daria tudo para que ela não sofresse. Aos poucos fui aprendendo a decifrar meu pai. Porém ela era muito ingênua, e por qualquer descuido lá estava ela sendo espancada e humilhada. Depois vinham as chantagens emocionais, chamava os três filhos e pedia para decidirmos com quem nós queríamos ficar em caso de separação entre os dois. Eu não admitia ficar sem um dos dois e quase implorava para que não se separassem.

Meu pai resolveu frequentar a igreja evangélica também. Nesse curto espaço de tempo houve uma breve calma em casa, porém logo já não quis saber mais de igreja alguma. Eu acreditava muito em Deus, vivia orando e pedindo sua proteção.

Muitas surras que levei foram injustas, uma em especial me choca ainda, Estava dormindo e de repente fui arrancada da cama a tapas, acusação? Tinha estragado o rádio do pai. Como poderia ser eu se eu não tocava no rádio? Que triste isso ter acontecido, Quando fui ao mercado com minha mãe, compramos pilhas novas para o rádio, quando ele abriu o compartimento de pilhas, estava oxidado, daí a razão do rádio não funcionar. Em outra ocasião, fui acusada de ter cortado a sola de seu sapato. Odiava quando ele começava a puxar os pelos do meu corpo me chamando de macaca, vivia dizendo que não era negro, só eu era. Foi fruto da *política de branqueamento*, portanto era impregnado dessas ideias racistas. Mesmo ele sendo negro, nunca admitiu ser um. Negro de olhos verdes e de feições

másculas para os padrões heteronormativos, era um homem bonito, despertando o interesse feminino, não demorou para que passasse a ter amantes. Se tornando mais violento. Uma vez ele pegou minha mãe pelo pescoço e bateu várias vezes a cabeça dela na parede de chapisco, verdadeira cena de filme de terror.

Tínhamos de mudar várias vezes de local dentro do mesmo terreno, para as construções andarem, fomos para uma das lajes construídas do prédio. Não havia porta, os peões tinham acesso, me incomodavam enquanto estava dormindo, passando a mão pelo meu corpo. Chorava calada, não entendia, porém odiava aquilo tudo. Meu pai dizia que me achou na lata do lixo, pensava que por isso ele não me amava, e por vezes me questionei sobre onde estariam meus pais verdadeiros.

Risadas não eram admitidas em casa, era todo mundo sério e triste. Tive a ideia de tentar fazê-los rir. Sem saber o conceito de *teatro*, elaborei uma cena onde eu era uma garota passeando no parque e comendo um algodão doce, bate o vento e espalha o algodão doce no ar, no final da cena eu fico pulando e correndo atrás do algodão doce sem conseguir pegar. Meu pai chorou de tanto rir. Foi a primeira vez que vi todos dando gargalhadas, sem briga. Fui dormir com um ar de felicidade estampado no rosto, afinal tinha arrancado um sorriso do meu pai!

Logo a casa do zelador, nos fundos da garagem ficou pronta e nos mudamos para lá, local mais seguro, mas não para mim. Meu irmão me tocava e eu gritava, esperneava, mas acaba vista como *a briguenta*.

2.2 A(S) Escola(S)

Chegou o dia de ir para a escola. A maior expectativa. Acordei antes e fui a primeira a me arrumar. Conseguíamos materiais pelo sindicato da construção civil, ficando as cartilhas e o uniforme para minha mãe comprar. O dinheiro vinha do trabalho de doméstica que ela executava para ajudar meu pai. No pé, sempre o mais barato. O colégio ficava perto de casa e íamos a pé. Percebi que as meninas não se aproximavam. A escola, como lembra Pacheco (2014, p. 50), não é pra ser um lugar “reprodutor de oprimidos e opressores”. A maioria das colegas morava nos prédios de luxo ao redor do colégio. Logo apareceram os xingamentos, piadinhas, risadinhas, das agressões verbais passaram a me agredir fisicamente: puxão de cabelo, chutes, uma vez levei um chute tão grande no estômago, vomitei e tive que

ir para casa de tanta dor: Passava o recreio sozinha. Me dedicava aos estudos, este sim, me dava prazer e conseguia estar entre as melhores, o que deixava as meninas mais irritadas. Minhas alfabetizadoras foram excelentes, trabalhavam com fonemas, e assim eu podia ir me auto corrigindo em várias palavras que pronunciava errado. A ordem lá em casa era: estudem, porque se reprovar pára de estudar e começa a trabalhar! Nas entregas de boletim, algumas meu pai ía, era chamado por bilhetes, que quando recebia já ía logo dizendo: - Se fosse por bagunça ou nota baixa, poderia *preparar o couro!* Frases como: - *Te deixo na salmoura, Vou te arrebentar! Você não vale o que come! Você nunca vai ser ninguém na vida!* Eram bastante comuns lá em casa. Hoje eu entendo que não é só na escola e nem só em casa que a educação de uma criança/jovem é construída. Tal como alerta também José Pacheco no trecho que se segue:

E, se a capacidade de aprender e de apreender de diversas maneiras se dá ao longo da vida, por que razão em grande parte ela se subordina ao tempo escolar? Se existe uma intenção de transformar as relações entre as pessoas em outra lógica que não a da competitividade, mas a da cooperação, por que manter nas experiências em curso os rituais de uma escola competitiva, seletiva, excludente? (PACHECO, 2014 p. 34)

Por vezes, o meio em que eu me encontrava era assim: competitivo, seletivo e excludente. Em outra obra, Pacheco (2006, p. 13) destaca ainda que, não é a criança quem deveria adequar-se ao local em que estuda, mas sim o contrário: É a escola que precisa se adequar às crianças e jovens que nela estão, ao menos no caso de desejar que seja uma escola de fato inclusiva. Enfim, certo dia, brincando com as meninas de outra classe, garotas da minha classe inventaram que eu tinha batido nelas, os meninos compraram as dores e passaram a querer me bater também, até a professora acreditou nelas, levei uma bronca da professora. Meu pai sempre dizia que a palavra do homem é uma só, então eu achava inaceitável ter que provar algo que eu não fiz. Enquanto as mentirosas se esperneavam e choravam. A interação social é, também, em partes, responsabilidade da escola, uma vez que dentro dela se dão diversos tipos de relações interpessoais. Essa discussão também faz parte de um debate em uma educação mais inclusiva, conforme sugere o trecho a seguir:

Uma das noções centrais da inclusão em escolas é ser aceito na comunidade social da escola, interagindo com os colegas e participando de

atividades regulares. As escolas precisam construir uma política que promova esse pensamento em todos os níveis do funcionamento escolar. Encorajar a interação social, a participação e os relacionamentos é uma maneira de implementar essa política (PACHECO, 2006 p. 53).

Naquele momento eu não via na escola nenhum incentivo ou qualquer tipo de planejamento pedagógico que ocasionasse relações interpessoais saudáveis, em geral (mas claro que esta não era uma preocupação minha enquanto criança), então eu costumava pedir ajuda para minha irmã, mas ela sempre estava com suas amigas. Ela era enturmada, tinha a pele clara e cabelos louros, bem diferente de mim. Meu irmão era um pouco rebelde e afastava com truculência quem tentasse zoar com ele, Muito bom em matemática e de papo, levava os professores na conversa, saiu de seu emprego na panificadora e foi trabalhar numa banquinha de jornais, antes ainda de ir para a panificadora, vendeu saquinhos de laranja que comprávamos no mercado municipal, também fazia bicos cuidando de jardins. Na banca de revistas o dono gostava dele como filho, instruía e orientava meu irmão.

Eu não gostava de ir para casa, principalmente depois que meus irmãos começaram a estudar à tarde, quando chegava em casa eles estavam saindo, assim não tinha coragem de entrar em casa, passava meus dias, quase sempre sem almoço, o que me acarretou em uma anemia, eu estava sempre com peso baixo, sendo considerada uma criança raquítica. Na minha cabeça a casa estava cheia de demônios. Decidida, resolvi enfrentar os demônios, e passeia permanecer dentro de casa. Assumi os afazeres domésticos, pois queria que minha mãe trabalhasse o menos possível. Uma vez minha mãe quebrou o braço, como tinha dificuldades de lavar roupas, fui com a camiseta do uniforme suja para o colégio. Foi a maior gozação na sala, estava muito calor naquele dia, coloquei minha blusa e não tirei mais, foi constrangedor.

Quando estava na terceira série primária, conheci uma pessoa incrível. Entrou uma aluna nova no colégio, e de cara já gostei dela. Começamos a conversar, assim começaram os laços da minha primeira amizade verdadeira. Ela me fazia sonhar com suas histórias. A convidei para ir lá em casa e quase todas as tardes depois disso passávamos juntas. O curioso é que ela sentia muito medo da minha mãe, pois minha mãe chegava brava do serviço. As broncas que minha mãe me dava era por eu ter esquecido de algo, como, por exemplo, “Você não colocou água para esquentar”, era suficiente para Jussara ir embora. Nossa sintonia era forte.

Sonhávamos juntas, juntas enfrentamos leões africanos, abandonamos maridos no altar para desbravar a Floresta Amazônica. Enfrentamos dragões, visitamos palácios. Outras meninas armaram para a Jussara não ser mais minha amiga. Combinaram com ela de não conversar comigo um dia, para ver como me comportaria. Naquele dia me senti muito mal, vendo minha melhor amiga neutra. Quando ela percebeu o que tinha feito, me pediu desculpas, contou o que tinha acontecido, porém a sensação de abandono perdurou dias. Fiquei doente, uma febre sem causa. Na quarta série a Jussara foi embora para outra cidade, vi ela pela última vez na quinta série, quando foi me visitar em casa. Desde então nunca mais nos encontramos. Mas ela foi a irmã que eu precisava, mesmo sem vê-la nossa amizade é eterna, pois no meu coração ela nunca deixou de ter seu espaço.

Minha luta era diária. Minha professora da segunda série dizia que meu cabelo era uma *juba*, e que deveria cortá-lo. As críticas me deixavam triste, em contra partida, eu as admirava. Como era bom chegar perto, perguntar, conversar, elas eram as detentoras do saber, como eu queria ser sábia como elas. Desde pequena, tinha curiosidade de conhecer tudo. Tinha uma certeza no coração: ia ter um orfanato. Ia dar carinho para as crianças que não tinham, ia ser médica para cuidar de quem precisa, mas não tem condições. Nunca pensei em ser rica. Meu príncipe encantado era do estilo operário, trabalhador, sensível. Não entendia o que era preconceito, porque simplesmente não passava pela minha cabeça discriminação por causa da cor. Quando ouvia falar de *gays*, não compreendia o ódio sem motivo. Ao conversar com alguém, o que importa é a pessoa que está ali, não interessando se rica ou pobre, com estudo, sem estudo, sua orientação sexual, seu jeito de vestir.

O tempo foi passando, os meninos e meninas foram mudando de colégio, quando fui para o ginásio (quinta série), sobraram poucos que tinham iniciado comigo, como eu já conhecia o colégio, tinha um pouco mais de confiança. Ninguém mais me batia, sempre com poucas amigas, geralmente uma, porém sempre foram amizades intensas.

Havia um menino que sentava atrás de mim e ficava me incomodando o tempo todo, até que um dia, já cansada pedi para ele parar, ameacei dar uma surra nele no recreio, todos da sala ouviram e, mais tarde formaram uma rodinha em torno de nós. Fui pra cima batendo nele, só parei quando ambos começamos a chorar. Pela primeira vez fui parar na diretoria do colégio, morrendo de medo de ser

expulsa. Acho que como já me conheciam e ao meu comportamento também, não me expulsaram, nem chamaram meus pais. Sei que nunca mais esse menino me provocou.

Passei a brincar no recreio, principalmente de pular elástico, brincadeira na qual eu era campeã. Meu sonho era ter uma bicicleta, porém meu pai nunca deixou comprar. A propaganda de natal da televisão era: “se você quer ter uma bicicleta Caloi deixe um bilhete na xícara do vovô, no chinelo do papai, no bolso do paletó”, fazia inúmeros desses bilhetes e colocava sempre onde meu pai não pudesse achar, afinal era para o papai Noel! Quando chegava natal ficava me perguntando se eu tinha sido uma criança tão ruim assim, afinal ele atendia o pedido das outras crianças e o meu não. Como acreditava no mundo mágico, não conseguia nem chegar perto dos papais Noéis das lojas, uma vez que eles poderiam me levar pra o mundo deles e eu nunca mais voltar.

Hoje analisando os aspectos sociais que envolvem alimentar fantasias das crianças. Chega a parecer cruel, por um lado, principalmente para as crianças carentes, elas passam a acreditar que são crianças ruins, aconteceu comigo e acontece com outras. Entendo que alguns estudos dizem que essas crenças também auxiliam no desenvolvimento, mas eu via crianças da escola contando às outras o que ganharam e comigo nada acontecia. Não tinha brinquedos. A imaginação era o que alimentava as brincadeiras, o que gostava mesmo era de viver dependurada em uma árvore, ou em qualquer outro lugar.

Da quinta à sétima série continuava a apanhar em casa do pai, as brigas com a mãe continuavam, porém no colégio a coisas se acalmaram, percebi até a admiração de alguns colegas por mim, mas nem pensava em namorar. Ainda achava que era a cegonha quem trazia o bebê e que beijo na boca engravidava. Tinha uma professora chamada Tereza de português que explicava como as meninas tinham que ser recatadas e casarem virgens. “Virgem? O que quer dizer isso?” Eu pensava. Minha mãe começou a dizer a mesma coisa. Quando descobri o que significava, Foi então que meus pesadelos vieram :eu tinha sido violentada, e agora não era mais virgem, nenhum rapaz iria querer casar comigo. Chorava quase todas as noites pensando nisso. Ficava imaginando a dor da rejeição, pois havia escutado que os rapazes tinham o direito de devolver as moças que não eram mais virgem para as famílias.

Hoje percebo como a posição neutra de um professor nas questões de gênero pode acabar desestruturando a vida de estudantes. Ao se abster de tocar nessa questão ou trazendo posicionamentos que reforçam algum tipo de opressão, acabam repassando conceitos que crianças e adolescentes podem levar por toda suas vidas, influenciando em suas decisões futuras ou mesmo em suas estruturas psicológicas e comportamentais.

Quando o prédio onde morávamos ficou pronto, alguns apartamentos foram vendidos. Conheci meu primeiro amor infantil. Quando vi o menino, fiquei apaixonada, era um príncipe que não saía do meu coração. *Amor platônico*, ele lá e eu cá, brincava com a irmã dele todos os dias. Tínhamos uma diferença social enorme, ele era rico e eu pobre, ele acabava me humilhando por isso, ria das minhas meias rasgadas, do meu vestido desbotado, até para entrar na casa dele era pela porta dos fundos. Fiquei uns três anos pensando nele. Tivemos que mudar o local da moradia, sofri muito por ter que mudar. Fomos morar em uma faculdade abandonada, onde tive contato com muitos materiais acadêmicos, livros, etc. tinha vontade de ficar com todos. Foi na época das diretas já! Não entendia o que era, mas sabia que grandes mudanças no país estavam para acontecer. Presenciei a maior concentração de pessoas na Praça Osório, impressionante.

Quando estava na sétima série meu pai comprou uma casa financiada, num bairro simples de Curitiba. Odiei, já de cara quase apanhei de duas moças que nem conhecia, também teria de mudar de escola. Minha mãe estava feliz, pois ia para um cantinho que era seu, que ela e o pai haviam conseguido comprar. A matéria que estava vendo no colégio novo, já tinha visto no meu anterior, então ficava fácil tirar dez em tudo. Passaram a me rotular de metida e os meninos me paqueravam. Voltei a receber ameaças na escola, comecei a ter medo de ir. Aos poucos, o cenário foi mudando. Comecei a sonhar e investir energia para a formatura. Vendíamos bolo, rifas, organizamos baile da primavera, festa junina, cinema no colégio, e no final tínhamos dinheiro para viajar. Lagoa da conceição em Florianópolis foi o lugar escolhido, e um coquetel na paróquia da igreja. Meu pai, a princípio, não me permitiu participar, apenas depois de muita briga e insistência. Num misto de culpa e alegria fui viajar. Avistei o mar pela primeira vez. Passei muitos dias lembrando da imagem e o som mais lindo da minha vida: o som das ondas. (pensamento que tenho até hoje).

Às vezes nós, professores, descrevemos locais onde os alunos nem conseguem imaginar como seria, um exemplo é quando falamos de restinga, mangue, até mesmo do mar, por mais que vejamos imagens na televisão ou em revistas. Na realidade da escola pública, em geral, viajar é uma coisa utópica. Que bom que o colégio oportunizou esse meu primeiro contato com o mar.

Na oitava série os professores investiram no nosso ensino médio e nos proporcionaram contatos com outros colégios que ofertavam ensino médio, foi assim que tive conhecimento do Colégio da Polícia Militar do Paraná, decidi que iria estudar lá, mesmo somente sendo 30% das vagas destinadas para filhos de não militares, vi ali uma oportunidade de seguir a carreira militar. O problema eram as passagens de ônibus, material caro, uniforme. O pai já tinha me dito para eu parar de estudar e ir trabalhar, “*pois a única vagabunda que não trabalhava naquela casa era eu*”, Assim comecei a trabalhar de babá, para conseguir estudar. No colégio como era tímida não me enturmava, mas acabei fazendo amizade com a Jacqueline: linda, pele clara, olhos verdes, somos amigas até hoje, soube que ela tem várias marcas daquela época, incluindo uma depressão. Descobri que ela tinha preconceito de cor, quando elogiei um garoto e ela respondeu que eu não combinaria com ele por conta da minha cor. Vi atitudes de preconceito em outras garotas também, até mesmo em professores.

Aconteceu uma coisa horrível na família, meu pai ficou desempregado e comprou uma Kombi para vender verduras, infelizmente ele atropelou uma criança, que veio a falecer. Isso ocorreu em véspera de uma prova de física, eu sabia todo conteúdo, mas entreguei a prova quase em branco. Estava amedrontada, só pensando o que meu pai estava sentindo, preso em uma cela, ainda bem que foi só por um dia. Meu professor nem quis saber de entender o fato, Ele simplesmente riu e disse “Eu que achava essa inteligente”. Acabou comigo. Esse mesmo professor depois se negou a atender uma dúvida minha, alegando que ele só iria atender dúvidas de quem tinha condições de passar na UFPR (e pelo visto, eu não era uma dessas pessoas). Ele sabia explicar muito bem sua matéria, porém era carregado de preconceitos, sem capacidade de empatia. Tínhamos excelentes professores, o que faltava era humanidade.

Para ajudar, saía com meu pai vendendo verduras na Kombi, era responsável por anunciar no alto falante o produto e seu preço. A mesma Kombi do acidente do atropelamento. A família do menino morava perto da nossa casa, eles ameaçaram

tirar a vida de um dos nossos. Eu e minha irmã fomos perseguidas por um tempo. Meu pai deu queixa na polícia. Mas até antes de meu pai falecer aparecia pintado no muro da nossa casa a palavra *assassino*, sem Kombi, meu pai construiu um carrinho de madeira para vender verduras, batendo de porta em porta! Ele era um homem forte, porém como sempre trabalhou no pesado, sua coluna já não estava aguentando. Nas férias do meu segundo ano trabalhei em uma farmácia de manipulação para comprar os materiais de estudo e no meu terceiro ano, comecei a trabalhar em um laboratório veterinário dentro do Jockey Club. O colégio não aceitava como justificativa de atrasos o horário de trabalho, todo mês levava um memorando por chegar atrasada, meu horário no laboratório era até meio dia, não dava tempo de almoçar, pois tinha que estar no colégio até meio dia e cinquenta minutos, e a distância era grande.

No terceiro ano juntaram todas as turmas em um salão amplo, estávamos em mais de cem meninas juntas, e sempre havia algum conflito, eu acabava mediando alguns desses conflitos, muitas das minhas colegas sugeriram que eu fizesse psicologia, porém minhas grandes paixões eram a medicina e a vaga na academia da polícia. Abriram duas vagas para a segunda opção naquele ano, uma das vagas era para alunas do colégio e a outra era pelo vestibular. Fiquei em segundo lugar na vaga do colégio. Fiquei sabendo depois que a moça selecionada desistiu por causa do enorme preconceito contra as mulheres. Hoje percebo que, possivelmente, também não iria me adaptar, pois estaria moldada por uma instituição repressora, infeliz, terminaria tal como ela, na desistência.

3. DA PROFISSÃO

3.1 Decidir ou desistir?

Nos meus sonhos de criança, não me via professora, ao contrário da minha irmã que já pequena sonhava com isto. Investiu, fez magistério e depois pedagogia, ama o que faz. Eu me imaginava em orfanatos, nas ruas, em hospitais ajudando as pessoas. Quando assistia algum programa de televisão, mostrando médicos que faziam trabalhos com populações que estão às margens, me via ali. Até hoje fico emocionada quando vejo algo nesse contexto. Só restava a alternativa da medicina, e tinha que ser na Federal, por conta da condição financeira da família. Passei na PUC, porém não tinha dinheiro nem para a matrícula, Hoje posso falar do bem que

foi feito para os jovens com a criação do PROUNI, cotas para negros nas universidades, projetos de ampliação das universidades. Quanto a mim, dois anos da minha vida em depressão profunda por não conseguir passar em um vestibular.

Posso dizer que minha escolha pelo Curso de Biologia foi por impulso, a princípio, afinal, como não havia conseguido passar em medicina na UFPR, imaginei que passaria em algum outro curso. Optei por biologia, pensando posteriormente me especializar em biomedicina, porém já no primeiro ano do curso em uma apresentação de trabalho, a professora ficou admirada e sugeriu que eu tinha um dom para ser professora, os colegas vieram agradecer a explicação e brincaram perguntando se eu queria substituir a professora. A maioria dos meus professores universitários, diziam que a primeira oportunidade de emprego que surge para o biólogo é ser professor. Nas disciplinas específicas da licenciatura acabava tirando nota máxima, pois tinha facilidade em compreender. No estágio obrigatório os professores diziam estar impressionados com meu desempenho. Começava ali a aparecer a educadora, naquele momento estava fazendo sentido para mim, ser educadora. Percebi que tinha a chance de fazer a diferença para muitos, creio que minha história de vida me fez compreender que não sou melhor, nem pior que outras pessoas. Fui tomando consciência de que iria ser professora e que eu teria que encontrar meios de nessa profissão ajudar as pessoas. Assim, escolhi Biologia, pois era menos concorrido, simplesmente sem pensar. Nessa época além do laboratório trabalhava no Hospital Pequeno Príncipe como recepcionista e telefonista. Assim que passei no vestibular, pedi as contas no laboratório e consegui minha transferência no hospital para o turno da noite, das 19 horas às 24 horas, agora como telefonista.

O curso de Biologia era em período integral, com algumas disciplinas no período da noite, como trabalhava à noite, fui deixando essas disciplinas para fazer em outros períodos com outras turmas que não a de biologia, isso me possibilitou horários livres para investir em pesquisa. Assim, corri atrás de uma monitoria ou Iniciação a Pesquisa científica. Consegui bolsa do CNPQ, recebendo para fazer o que eu mais gostava de fazer que era estudar. Cansada, mas feliz pela oportunidade de desenvolver pesquisa e estudar. A pesquisa que eu desenvolvia envolvia dois Departamentos, o de patologia e o de Bioquímica, portanto tinha dois orientadores, na Patologia tinha a Prof^a Dr^a Hilma Hiroko Higutti, uma pessoa extremamente séria e comprometida com sua pesquisa, cobrava de mim, notas e desempenho, o que

nunca deixei a desejar. Ela vivia me elogiando pelo compromisso e seriedade com que levava meu trabalho e minha vida. Já meu orientador na Bioquímica era o Prof. Dr Aginaldo José do Nascimento, era extrovertido e brincalhão, posso dizer que foi um pai para mim. Me ajudava em todos os aspectos desde o profissional, até o pessoal, conversas, orientações, festas, passeios e alguns congressos. Meus melhores amigos no curso superior foram meus professores. Sempre gostei de aprender sobre tudo e todos a paixão pelo humano está em mim. As pessoas sempre exerceram um grande fascínio para mim. Enquanto meus colegas de curso muitas vezes tiravam sarro de mim pelos meus questionamentos, eu seguia minha vida sem ligar muito pela falta de amigos.

Quando comecei a conversar com uma garota chamada Carina, com um papo interessante, nunca se permitia falar mal de ninguém, tinha padrões éticos rígidos, uma pessoa maravilhosa, inteligente, bonita, poderia ser popular, porém dizia que preferia ficar fora das panelas, se tornou uma das minhas melhores amigas.

O que mais me derrubava na faculdade era o cansaço. Por mais que eu tentasse me manter acordada nas aulas, acabava dormindo, pois ia dormir todos os dias em torno da 01 hora da manhã e acordava às 05 horas, teve um professor que sugeriu que eu desistisse, pelo menos por um semestre, porém não desisti, fui levando como pude. Algumas colegas que trabalhavam e estudavam acabavam desistindo do curso. Eu não namorava, não saía, só enxergava o trabalho e o curso. Isso me remeteu a um outro trecho do educador José Pacheco, “As escolas ainda são usinas, que engolem gente e vomitam bagaço.” (PACHECO, 2014, p.38).No fim das contas, poderíamos incluir o tal *ensino superior* no termo *escolas*, neste caso, pois era assim que eu estava me sentindo em determinado momento.

Lembro que teve um momento que me perguntei porque eu estava fazendo aquilo, e por quem? Não tinha ninguém que se importava comigo e alguém pelo qual valia a pena viver. Comecei a desejar a morte, pensava na família, meus irmãos já eram casados e não estavam nem aí com minha vida, minha mãe era envolvida nos seus próprios problemas e não tinha noção do meu sofrimento, meu pai só sabia me xingar e querer me bater, principalmente quando tinha alguma saída ou viagem para aulas em campo, quando chegava em casa era briga na certa, isso me jogava para baixo de uma forma muito forte. Eu me senti como se não tivesse valor algum, e, como se, de alguma forma, eu já estivesse morta. Comecei a reconhecer traços de uma depressão, não compartilhava com ninguém minhas angústias, simplesmente

tentava dar conta sozinha, porém as colegas que tinham dificuldades ou que eu percebia que estavam com algum problema sempre tentava ajudar, sempre. Essas características fizeram com que alguns no final do curso viessem se desculpar por ter em algum momento me humilhado. O professor Aguinaldo me inscreveu para o mestrado em bioquímica acabei reprovando no inglês, zerei na prova, estava feliz por ter reprovado, porém o professor Aguinaldo quando veio me dar a notícia, estava muito triste, quase chorando.

Na minha formatura não pude fazer festa. Mas os professores dos departamentos de patologia e bioquímica acabaram se unindo e fizeram uma festa exclusiva para mim e minha família. A colação de grau foi no Teatro da Reitoria. Nesse momento caiu a ficha do meu pai que a filha dele estava fazendo algo importante, minha mãe contou que ele chorou quando no telão passaram as cenas das saídas de campo, acho que ali ele percebeu que a filha dele não era nenhuma *vagabunda* como ele dizia, e principalmente quando foram parabenizá-lo por ter uma filha tão esforçada. Acabei fazendo licenciatura e bacharelado. A primeira coisa que fiz depois de formada foi pedir as contas no hospital, e distribuir currículo nas escolas.

No último ano da faculdade, meu pai quis me bater, porém resolvi dar um basta naquilo dizendo que não merecia o que ele estava fazendo e que não ia admitir apanhar sem motivos. Não adiantou, então saí de casa. A dor de romper o cordão umbilical foi enorme.

Comecei a trabalhar como professora no regime CLT, e de lá para cá nunca parei, sempre tentando fazer meu trabalho da melhor forma possível. Quando comecei, o colégio ficava no bairro em que eu morava, assim eu não era a professora, e sim uma amiga na qual eles podiam confiar, para sairmos final de semana, ou montarmos cursinho preparatório para vestibular, organizar gincanas, festas da primavera, danças para homenagear as mães, teatros, passeios. Passava horas no colégio simplesmente organizando e pensando em como estar com eles. Tenho certeza que para muitos eu fiz a diferença, tenho cartas de estudantes me agradecendo e dizendo o quanto eu fui importante nas suas vidas.

3.2 A Cada Marca Uma Descoberta...

Ao entrar em contato com educadores que eu admiro, descobri que preciso aprender muito sobre como ser uma educadora, estou mudando aos poucos, cada vez me apaixonando mais pela educação. Conhecendo novos projetos, novas formas de ensinar. Dentre os projetos que provocou mudanças posso citar o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral, ele foi o epicentro da minha mudança. Mudança na concepção do ser professor, refletindo sobre minhas atitudes e o que elas significam na vida dos estudantes. Sempre tentei respeitar muito eles, entendê-los na sua individualidade, mas continuo, em uma parte do tempo, sendo apenas uma professora que passa as informações muitas das quais, não tem o menor sentido na vida real dos jovens. A verdade é que as relações de ensino e aprendizagem vão muito além do repasse de informações: precisa haver empatia, sentido no que se ensina, melhor ainda se o estudante for autor do seu próprio processo de aprendizado. Vale, neste sentido, ressaltar também que, “teoria não antecede a prática e que é a dificuldade sentida na prática que justifica a busca de teoria, com vista a uma práxis coerente.” (PACHECO, 2014 p. 42).

É necessário entender a tamanha grandeza do processo educacional, para não cair na “síndrome do cobertor curto”, a qual nos recorda Vasconcellos em seu texto “O desafio da Qualidade da Educação”, onde quando pensa-se em uma questão X, acaba-se por ignorar algum outro problema ou alguma outra questão que faz parte do mesmo problema. É necessário pensar, não só na minha história de vida, ou na de outros professores, mas (re)pensar a história de vida de nossas crianças e jovens, fator que contribui para uma compreensão mais completa do processo educacional. Afinal, como destaquei no início do texto: somos pessoas e pessoas tem história, as quais envolvem outras pessoas, que por sua vez, também tem outras histórias...

São essas as marcas que me constituem enquanto pessoa e que carrego para a minha profissão, *estou* professora a caminho de me tornar educadora, com muita vontade de aprender. A famosa frase de Sócrates no Oráculo do Deus Apolo, quando a sacerdotisa perguntou e ele disse “Só sei que nada Sei! Serve perfeitamente para minha vida, pois estou a caminho sempre. O estudo de nossas histórias – tanto particulares, quanto em grupo – possibilita uma compreensão mais intensa da realidade tal como das possibilidades mais coerentes de transformações.

3.3 Trajetória Como Professora

Lembro do meu primeiro dia de aula não mais como aluna. Foi no Colégio Pinheiro do Paraná em Curitiba, uma sensação de vitória me invadia, finalmente ia trabalhar numa profissão que envolvia a minha formação. Não era o que eu queria, porém era o que eu estava preparada para fazer, o que eu acreditava que ia ao encontro do que eu esperava de uma profissão: Ajudar os outros, afinal acreditava que através da educação era possível transformar o mundo. Torná-lo mais justo para os necessitados. Não estava ansiosa, mas sim feliz. feliz por ter um emprego, por me desligar dos problemas pessoais e me dedicar aos meus alunos.²

Foi paixão instantânea por eles, tentava passar o máximo de conhecimento em biologia para eles, e na medida do possível, falar da vida, incentivando-os, tentando conhece-los como pessoas, sendo amiga. Conversávamos sobre a vida, seus desejos, suas aspirações. Nos finais de semana nos reuníamos para estudar, sair, comer pizza. Eles se tornaram a minha família. Assim, organizei passeios, viagens, no cinema, na igreja, frequentava a missa junto com eles, organizei gincanas, danças, apresentações. Ali se estabeleceu uma relação de amizade muito bacana entre nós.

Passei a dar aulas pela manhã em um colégio na região central de Curitiba para turmas de sétimas e oitavas séries, turmas de pré adolescentes, bem agitados, porém aos poucos fui conquistando a amizade de todos percebi que se identificavam comigo, em partes, pelo fato de eu ser jovem. Uma vez até me carregaram no colo, fiquei um tanto sem graça porque no meio do caminho encontramos a diretora.

Um fato que me marcou foi um aluno, o qual aqui chamarei de Maycon, trabalhava como servente à tarde para ajudar a mãe, bagunceiro ao extremo, não queria saber de nada. A mãe foi chamada na escola, quando a conheci choramos juntas pela situação do filho. Não era uma má pessoa, simplesmente um

²Huberman (1992 p 47) menciona, assim como outros estudiosos, a existência de fases na vida profissional dos professores, estas fases, em grande medida, estão relacionadas ao tempo de profissão, à idade, mas também, de certa forma, para Huberman, ao momento histórico -social em que tal professor se encontra. Entre as fases descritas por ele temos a entrada na carreira, estabilização, diversificação, questionamento, serenidade, conservantismo, entre outras. Não pretendo aqui classificar minha trajetória em nenhuma dessas fases, ainda que ao ler meu próprio texto tenha encontrado algumas delas em minha trajetória. Deixo esta tarefa de forma descompromissada, para aquele ou aquela que neste momento realiza a leitura do texto. Para complementar, consultar <https://andreluizsilva.files.wordpress.com/2012/09/huberman-m-o-ciclo-de-vida-profissional-dos-professores.pdf> .

adolescente que parecia pedir socorro. Ele não tinha livro, prometi que ia arranjar um para ele, conversei muito com ele, mostrando seus potenciais, o quanto ele era brilhante, inteligente e que poderia presentear sua mãe que ele amava se esforçando. Daquele dia em diante ele se tornou o meu melhor aluno. Me defendia na frente de todos. Gostaria de saber como ele está hoje, pois isso foi há dezenove anos.

Dessa mesma escola, uma aluna bem quietinha que passou despercebida por mim, quando já não trabalhava mais no colégio, recebi uma carta em casa, era dela, me agradecendo por eu ter ensinado a ela tão bem os conceitos de física, pois agora já no ensino médio, só conseguia entender física porque eu tinha explicado. Me senti emocionada com sua carta, pensei comigo: se eu consegui atingir alguns com o meu modo de ser professora, valeu à pena o esforço.

Meu primeiro ano como professora foi muito bom, em geral. Os horários da tarde eram livres, mas ia para o colégio organizar minhas aulas, sempre pensando em como torna-las mais agradáveis e proveitosas. O diretor dizia que eu era a joia do colégio. Eu era CLT, então não consegui ficar nos mesmos colégios, assim comecei nos anos seguintes uma espécie de rodízio.

Atuei em um colégio chamado Boa Vista, onde os professores eram extremamente tradicionais. Rezavam em fila antes de começar a aula, e eram constantemente advertidos pela direção, por alguma atitude que não estivesse de acordo. Como de costume, tentei ser amiga dos alunos. Nesse colégio estudava uma menina que tentou o suicídio. Quando soube, fiquei desesperada, pois, sempre quis que minha profissão ajudasse as pessoas a serem um pouco melhor. Assim, preparei dinâmicas em grupo, priorizando a valorização do humano, lembro que ela chorou, e aos poucos foi se abrindo, sorrindo, interagindo. Minha alegria aumentava a cada passo que eu dava e que eu percebia que ela estava mudando, mas ao final do ano letivo a diretora me chamou em sua sala, onde estava também a pedagoga para me informar que eu não tinha o perfil para trabalhar naquela escola. Eu sabia que os alunos gostavam de mim, conhecia o meu trabalho e sempre consegui me auto avaliar, não chegava atrasada e nem faltava, então não compreendia o motivo exato. Prefiro pensar que ela tinha medo de eu quisesse ocupar o seu lugar enquanto diretora. Anos mais tarde encontrei a pedagoga, ela se desculpou por aquele dia, e explicou que foi pressionada pela diretora, que me admirava enquanto

profissional, segundo ela, a diretora teve que sair fugida do colégio pelo tanto de verbas da educação que desviou.

Um outro colégio em que trabalhei, ficava numa região considerada perigosa de Curitiba. As aulas de sexta à noite, acabavam mais cedo, porque os bandidos avisavam para acabar, ou porque ocorria alguma situação no bar em frente (como brigas, policiais fazendo batida, ou tiroteios dentro e fora do colégio). Ali senti que era mais difícil desenvolver algum trabalho. Lidei com pano de chão na cabeça, cuspe, assédio, ameaças de riscar meu carro, isso porque um aluno tirou nota baixa na prova. Apesar de tudo, não desisti, organizei festinhas de aniversário para alguns alunos, na tentativa de cativá-los. Levava palestrantes de fora, tentava interagir da forma que eu conseguisse. Organizei uma gincana cultural, nenhum professor havia feito até então. A turma vencedora teria um passeio como prêmio, isso tudo acertado com o diretor. Eles superaram as expectativas. As apresentações das provas foram tão bonitas que ficou difícil dizer qual era a turma vencedora. Foi muito legal, porém na hora de pagar o prêmio o diretor ficou enrolando, enquanto os alunos me cobravam. O final do ano já havia chego e nada de prêmio e nada de eu pegar aulas também. Queria conversar com o diretor para saber porque as aulas não poderiam ser minhas, mas o mesmo recusou-se. No fundo já sabia a possível resposta: eu ia incomodá-lo cobrando o passeio da turma.

Fiz o concurso para magistério na rede estadual de educação e passei, assumi meu primeiro cargo público de carreira no magistério em 2003. Não tinha conhecimento do que era serviço público e muito menos carreira, simplesmente fiz o concurso por influências de alguns colegas. Assumi num colégio perto de casa, chamado Olavo Del Claro. Já tinha meus filhos nesse período, mas tentei dar o meu melhor, como sempre. Sinto que me entreguei muito mais à profissão nos meus primeiros anos. Contagiada pelos demais professores e pela forma como ensino por vezes é visto, fui me moldando aos padrões convencionais, como se deixasse de sonhar, com menos energia. A humanidade foi dando lugar à técnica. O distanciamento estava me deixando desmotivada. A culpabilização do professor por todas as mazelas da educação estava me deixando depressiva. Sempre sonhei que minha profissão fizesse sentido para os outros, provocasse transformação, agora parecia tudo tão desprovido de sentido. Encontrava nos meus filhos a razão de continuar.

3.4 Realização Profissional

Com o passar do tempo não mais me via a acrescentar, o pouco que eu fazia parecia desprovido de sentido, me via numa posição em que eu queria *mais*, pois o que eu fazia todos professores poderiam fazer, cadê a diferença na vida das pessoas? Cadê minha capacidade de ajuda? Fui me aquietando, desisti de agir sozinha, as minhas ideias não eram pactuadas com outros professores e muito menos eu compactuava com a ideia deles, mas era o que o sistema pedia ou exigia de mim. Foram inúmeras as vezes que salvei alunos de uma reprovação. Fiz voltar atrás várias decisões de reprovação no conselho de classe. chorei por aqueles que eu não consegui reverter o processo. Mer ver impotente diante de alguma situação gerava sofrimento, fui me afastando do educar e fui me tornando uma simples professora, dentro do padrão aparentemente esperado.

Estava acomodada na minha profissão, quando fui fazer o PDE. Depois de muitos cursos, já sabia o que viria pela frente, assim optei por aproveitar e fazer disciplinas como fisiologia médica, genética, para me atualizar, optei por estudar em todo o meu tempo. Porém algumas aulas obrigatórias que o PDE oferecia não estava me acrescentando em nada. De repente me vi em conflito com alguns professores da UFPR que se posicionavam contra a hora atividade, culpabilizando o professor sem elencar respostas. Até que veio dar aulas para a turma um professor da UFPR Litoral, o Valentim, quando começou a falar, pensei que era mais um doutor que acha que sabe mais de uma sala de aula do que nós professores, que há tempos conhecemos nossas pequenas realidades. À medida que falava, mais me inquietava, pois eram questionamentos que muitas vezes fazia para mim. Lá estava ele mexendo diretamente na minha ferida: *temos que mudar*. Era uma imposição e não uma fala solta. Um desafio duro, pois o sistema estava fechado, não permitia mudanças. Queria saber mais, então me vi fazendo um curso GDIE (Gestão do Desenvolvimento Inclusivo da Escola) nesse curso os professores eram levados a repensar suas práticas de modo a não exclusão, nele percebi que outros estavam promovendo mudanças quis conhecer a UFPR Litoral e assim me dispus a ir para Matinhos PR. Descobri que tinha um grupo de estudos, GPEUE (Grupo de Pesquisa Universidade Escola), onde conheci mais professores comprometidos com a educação. Assim comecei a buscar cada vez mais o que estava por trás de todo esse movimento no litoral, à medida que fui buscando, fui compreendendo que havia

uma universidade inteira no litoral que respirava educação. Valentim me falou de um tal José Pacheco da Escola da Ponte, já tinha ouvido falar que era uma escola em que os alunos tinham prazer de ir, infelizmente bem nos dias que ele estava em Matinhos meu pai foi assassinado. Minha cabeça entrou em parafuso. Não pensava em mais nada, só em descobrir a causa de tamanha violência, uma dor intensa me invadia naquele momento. Nessa ocasião estava impregnada de dor, dividida entre o entusiasmo da esperança na profissão, ou sucumbir à dor.

Em uma das ocasiões que estava em Matinhos, em um bar, conheci o responsável pelo projeto UFPR litoral, o Valdo, já nos primeiros contatos com ele me encantei, depois de muito tempo me informaram que ele era o responsável pelo projeto UFPR litoral. O litoral começou a ser meu ponto de apoio. O impulso maior para continuar, com certeza sempre foram os meus filhos, mas a UFPR também estava me ajudando, me fazia um bem danado estar envolvida ou presente em algum processo. Fui convidada para fazer parte da delegação da UFPR que iria para a CONANE Conferência Nacional de Alternativas Para Uma Nova Educação. Meu primeiro impulso foi rejeitar, não fazia nem quinze dias da morte do meu pai, mas eu tinha que continuar então aceitei, foi uma experiência incrível, quando estava lá era como se só os processos educativos existissem, tive a oportunidade de conhecer grandes educadores e ouvir suas propostas. Na volta comecei a frequentar a ICH (Interações Culturais e Humanísticas) Cine Club Papo Aberto, é uma das propostas do Projeto Político Pedagógico da UFPR, em uma proposta que é a trama de valores, onde através de filmes escolhemos valores, palavras que podem ser ressignificadas à partir da percepção do mundo. Aprendemos a escutar o próximo e a respeitá-lo: Uma prática que permite um movimento contínuo de aprendizado e continuidade de mudanças. Nesse movimento de descer a montanha, consegui escutar grandes pensadores como O José Pacheco, Ático Sachot, Antônio Nóvoa, Celso Vasconcellos, Carlos Rodrigues Brandão, Maria Izabel da Cunha.

Dentro do projeto da UFPR - litoral destaca-se a proposta de trabalhar o indivíduo no coletivo, com um esforço em não julgá-lo. O ato fundamental é o educar, sendo este um processo que se inicia no nascimento e termina quando morremos, cabe ao professor ser o mediador de tal processo, isto pode ser de inúmeras maneiras que despertem os sentidos, vivências, festas, utilização de espaços informais, misturar as teorias com o que se deseja aprender. É preciso conhecer, compreender, propor e agir. Nessa metodologia, propõe-se o trabalho

com projetos, em uma perspectiva interinstitucional, interdisciplinar, intercultural, intergeracional e interesperencial, visando o desenvolvimento territorial da região, ou seja, o projeto é pensado para o povo de determinado contexto. Os alunos da UFPR litoral me impressionam por seu senso crítico e percepção da realidade, bem como pela leitura de mundo não alienante.

Algumas ações tive que deixar de lado pois não dava conta, o ICH que era a noite acabava por me fazer subir a serra de carro muito tarde e por vezes me pegava cochilando no volante. Fui convidada pelo Valdo, para fazer parte da gênese de uma escola onde o ato de educar prevalecesse. Como seria essa escola? Vamos para São Paulo conhecer modelos que deram certo, como a Escola Projeto Âncora e a Escola Municipal Amorim Lima. Percebi que era possível uma escola diferente onde os estudantes tem prazer em aprender, onde o respeito ao outro é valor máximo trabalhado, entusiasmada com a nova escola, ia às reuniões todas as sextas feiras. Precisava aprender a lidar com as crianças, pois até então eram só adolescentes que atendia, agora precisava ter um embasamento no campo infantil, pois como dizia José Pacheco, não dá para fazer da criança nosso laboratório, temos que ter a certeza das nossas intensões. Assim comecei a fazer outra graduação, o curso de pedagogia, e uma especialização na UFPR litoral que é *Questão Social na Interdisciplinaridade*, tudo para melhorar o meu *ser professora*. Infelizmente não deu certo minha atuação nessa escola que estava se iniciando, continuo atrás de formações para exercer a minha profissão da melhor forma possível, percebo que preciso voltar mais para os estudantes da escola que atuo.

Muitas coisas me emocionaram durante o meu percurso como professora, chorei, vibrei, sorri junto com os estudantes, porém uma emoção grande que vou demorar para esquecer foi quando dentro de um contexto de aula falei para eles que o meu maior sonho enquanto educadora era ver o colégio Kandora ocupado pelos alunos, eles lutando pelo que lhe era de direito, foi quando alguns chegaram e falaram: “professora não se preocupe nós vamos ocupar o colégio!” Uau! Vibrei por dentro, uma descarga de emoção percorreu meu corpo, uma mistura de medo e alegria me invadiu! Não sabia o que ia acontecer, mas sabia que algo ia mudar profundamente a mentalidade daqueles estudantes. Assim, montaram um grêmio, se organizaram sozinhos. “Professora deixa que nesse momento a gente se organiza sozinho, para não complicar para o seu lado!” Ai que felicidade. “Tudo bem! Mas o que precisar de mim, sabem que pode contar!”

No primeiro dia de ocupação, em 2015 cheguei vibrando no colégio, achava que todos os professores pensassem como eu, qual não foi minha decepção, quando me tacharam de louca, como eu poderia apoiar tamanha baderna! Eu pulava de um lado para o outro gritando, “O aluno é nosso amigo, mexeu com ele mexeu comigo!” Os meus colegas de profissão rindo da minha felicidade. Pouquíssimos professores apoiaram as ocupações, os estudantes viveram dias tensos, muitas alegrias e muitas tristezas, pois já na primeira noite um grupo de jovens vestidos de palhaço pularam o muro do colégio para bater em quem estava lá dentro. A polícia teve que acabar intervindo, todas as noites eu passava lá para ver como estavam, tamanha era a minha preocupação, todos os dias tinha professor no portão xingando eles, acusando de não deixar eles exercerem a sua função que era dar aulas. O vice diretor e o caseiro eram totalmente contra e volta e meia ofendiam esses estudantes, que aprenderam a cuidar do colégio, aprenderam política, aprenderam com as oficinas oferecidas, com a roda de conversa que o Valdo teve com eles, foram buscar o conhecimento em outras ocupações, se politizaram mais, lavaram os vidros, pintaram e enceraram o colégio, os banheiros passaram a ser cheirosos, faziam sua comida, buscavam recursos sozinhos, pois muitos pais não entendiam o que os seus filhos estavam fazendo. Foram importunados várias vezes por policiais, mídia e a própria comunidade ao redor que era contra, encontraram apoio em si mesmos, na certeza de que estavam lutando pelo seu futuro e o futuro do próprio povo brasileiro, pois das pautas principais das ocupações eram a reforma do ensino médio e o congelamento de investimentos em saúde e educação. Veio a morte de um adolescente no colégio vizinho, a ordem judicial de desocupação, eles não aguentaram a pressão e desocuparam. Os estudantes entregaram as chaves do colégio para o diretor, mostrando cada canto do colégio, que estavam em perfeitas condições, salvo o trinco de uma porta que tinha sido arrebitado por um estudante que se indignou porque não queriam que eles pudessem ocupar o espaço daquela sala. Assim mais um aprendizado ocorreu, Lá veio o Valdo com sua caixa de ferramentas consertar a porta. Mais conversa com os estudantes e mais processos de aprendizagem.

Os estudantes deixaram o colégio aplaudido pelos professores que os apoiaram. Mandei confeccionar uma placa em homenagem a eles (ANEXO A, p39), que até hoje se encontra fixada na parede do colégio. Todas as vezes que passo por essa placa meu coração se enche de esperança. Esses jovens que aparentemente

parecem indecisos, muitas vezes sabem exatamente o que querem, basta dar a eles a chance e eles mostram a força que tem. Nós professores temos tanto a aprender com os alunos quanto eles tem conosco.

4. CONCLUSÃO

Na medida em que descrevi minha experiência pessoal e profissional, e fui dialogando com alguns autores no decorrer do texto, pude alcançar uma compreensão maior da pessoa que sou hoje. Das minhas atuais angustias, ânsias, vontades, metas. Em grande medida, o ponto em que me encontro é resultado de minha trajetória.

O que eu tinha inicialmente: memórias, nem sempre tão claras, histórias contadas por outrem. Coloquei tudo que pude me recordar à minha frente, para então construir um texto que, de alguma forma, fizesse sentido, não só para mim, mas também para quem o lesse.

“Pessoas tem histórias”, como mencionado no início do texto. Professores e alunos, com trajetórias de vida diferentes, que se encontram em um espaço físico e , ao entrarem em contato, partilham um pouco daquilo que carregam. Porque o fato é que cada um presente na escola – e , em grande medida, no mundo – somente existe de uma determinada forma devido à trajetória percorrida até então. Portanto, pensar nossas histórias é importante, mas não só em nossa própria história: pensar na história do outro é importante!

Sinto que cada vez mais posso melhorar minhas ações, não para ser reconhecida enquanto profissional, mas porque desejo um mundo melhor para todos, e porque não podemos deixar de ter esperança, enquanto nos depararmos com olhos brilhantes de curiosidades ou olhos mortos, mergulhados na sua própria história de vida, é que podemos mostrar que existem maneiras de transformar a dor em um grande aprendizado que traga algum crescimento, seja ele espiritual, financeiro, mental ou de qualquer outro tipo. Tenho também a certeza de que quando estamos providos dessa garra e dessa ânsia de mudança, é perceptível e contagiante àqueles que nos cercam.

REFERENCIAS:

BUENO, Belmira O. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores**: a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002

CAVALLET, Valdo José. **Educação Formale Treinamento**: Confundir Para Doutrinar e Dominar Revista Diálogo Educacional PUC-PR, vol. 1, n. 2, jul. /dez. 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. Disponível em :<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAhELwAC/a-importancia-ato-ler-paulo-freire?part=2>

HUBERMAN, Michael. **O Ciclo da Vida Profissional dos Professores** - Vida de Professores. Org: Antonio Novoa. Porto Editoria. 1992. Disponível em :<https://andreluizsilva.files.wordpress.com/2012/09/huberman-m-o-ciclo-de-vida-profissional-dos-professores.pdf>

LOWENKRON , Laura. **Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia**:diferentes nomes, diferentes problemas? . Sexualidad, Salud y Sociedad r e v i s t a l a t i n o a m e r i c a n a i s s n 1984-6487 / n.5 - 2010 - pp.9-29 /

PACHECO, José. **Aprender em comunidade**. 1. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2014. 133 p. Disponível em :http://www.edicoessm.com.br/catolicas/assets/af_aprender-em-comunidade_miolo2.pdf

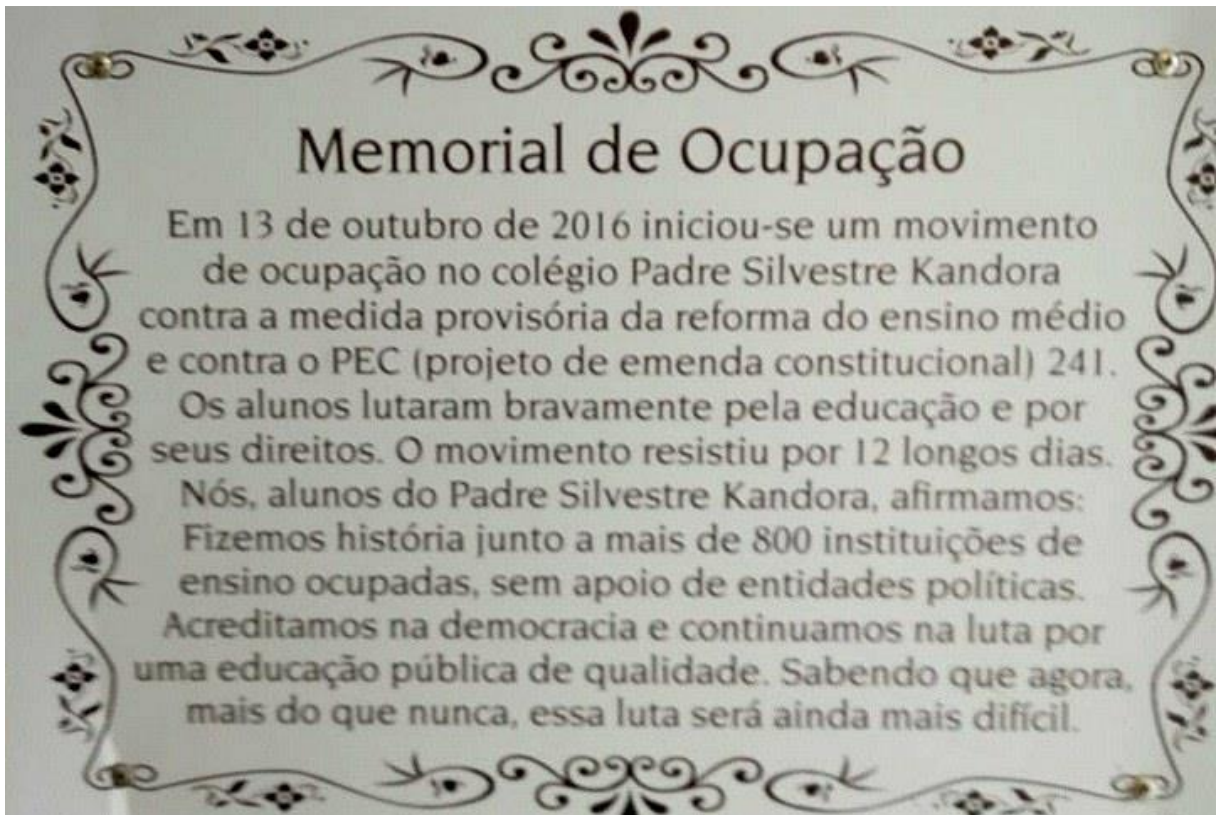
_____. **Caminhos para a Inclusão**: Um guia para o aprimoramento da equipe docente. 2006 . Artmed Editora Ltda. São Paulo

_____. **Uma escola sem muros** .pg 62-81 . Escola da Ponte: Defender a Escola Pública. Orgs: Rui Canário, Filomena Matos e Rui Trindade. Disponível em:https://biblioteca.partidopirata.org/mgoblin_media/media_entries/129/A/EscoladaPonte.pdf

SOUZA, Yasmin. C. P. **Quem sou eu?** Poema disponível em : <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ychalkfoun01.html>

VASCONCELLOS, Celso dos S. **O Desafio da Qualidade da Educação**. Libertad – Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica. Disponível em : http://www.celsovasconcellos.com.br/Download/CSV-Desafio_da_Qualidade.pdf

ANEXOS



Anexo A: Memorial de Ocupação deixado no Colegio Kandora